

SIGNIFICADOS DO CORPO: REFLEXÃO TEÓRICA

[*The body meaning: theoretical reflection*]

Rosa Helena Silva Souza*

Maria de Fátima Mantovani**

Maria Helena Lenardt**

RESUMO: O presente trabalho teve como finalidade a reflexão teórica sobre os significados do corpo, relacionando-os, por meio da literatura, aos efeitos decorrentes da amputação de membros causada no ser humano. Para tanto, resgataram-se registros sobre os significados do corpo através da história, aproximando-se à visão fenomenológica, considerando-se a importância do corpo na vida do indivíduo, por ser o modo como ele se relaciona com o mundo; abordando-se também o que representa ser deficiente em nosso contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo humano; Amputação; Filosofia em enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

UM CORPO, MUITOS SIGNIFICADOS

*Corpo bonito..., corpo alterado...,
Corpo malhado..., corpo contido...,
Corpo saudável..., corpo mal acabado...,
Corpo iluminado..., corpo apagado...,
Corpo explorado..., corpo escondido...,
Corpo amado..., corpo odiado...,
Corpo expressivo..., corpo calado...,
Quantas formas de ver e sentir um corpo,
ou o meu próprio corpo!
Meu corpo tem vida, expressa meus sentimentos,
revela os acontecimentos,
afirma o meu estar no mundo.
Meu corpo sou eu!
Como captar todas as mensagens
que o corpo do outro quer me passar?*

O corpo, o maior bem que o ser humano possui, tem o seu próprio universo, é único e ao mesmo tempo repleto de particularidades, significados, anseios, percepções, esperanças e incertezas.

Na maioria das vezes as pessoas são classificadas pela “aparência”, é ela que habilita ou não a determinados empregos, e muitas vezes nos surpreendemos quando uma pessoa “bem apresentada” transgride as normas sociais; e, para RODRIGUES (1975), aplicam-se ao corpo, crenças e sentimentos que consolidam nossa vida em sociedade, mas que não estão diretamente subordinados a este corpo.

A sociedade determina os atributos que o homem deve possuir no âmbito moral, intelectual e físico. Os meios de comunicação expõem a todo momento corpos liberados física e sexualmente como veículo de moda, dietética, terapêutica entre outros. O homem, frente aos padrões estéticos determinados pela sociedade, modifica voluntariamente seu corpo por meio de dietas, exercícios físicos e cirurgias plásticas.

Para DIOGO (1993), na sociedade atual, o padrão de beleza das pessoas é caracterizado pela imagem do jovem sadio, com corpo delineado por músculos desenvolvidos, exercitados em academias ou práticas esportivas.

Em minha trajetória profissional, tenho me deparado com situações angustiantes diante de problemas relacionados ao processo de saúde doença, enfrentados por pessoas que, por necessidade de amputação de membros, perderam seu espaço ativo na sociedade, foram obrigadas a reformular seus hábitos e adaptar-se a novas perspectivas que seu estado de saúde lhes impõem. Ao cuidar de uma pessoa que perdeu um membro de seu corpo, habitualmente, vivencio um sentimento de pena somado a impotência, imaginando como a mesma se adaptará física, social e emocionalmente às limitações que este novo contexto lhe obrigará.

Segundo CAVALCANTI (1994), as patologias arteriais obstrutivas crônicas e o diabetes mellitus são as causas mais freqüentes de amputação de membros inferiores em pessoas de média idade e idosas, causando modificações significativas em suas vidas e exigindo que um processo de adaptação à nova realidade seja elaborado; e, para BUZATO et al. (2001), a amputação de membros inferiores em pacientes portadores de doença arterial periférica, geralmente é encarada como o fim de um processo mórbido pelo médico, mas como um desastre emocional e social

* Mestranda do Curso de Mestrado em Enfermagem – UFPR

** Profª Drª do Curso de Mestrado em Enfermagem – UFPR

para o paciente e seus familiares, envolvidos na manutenção da melhor qualidade possível de vida.

Conforme RODRIGUES (1975), o corpo humano como sistema biológico, mesmo assumindo um caráter natural e universal, é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes socioculturais.

Por outro lado, nossa política governamental não tem contemplado satisfatoriamente as pessoas consideradas incapacitadas, que ao serem incluídas neste grupo, geralmente apresentam dificuldade para manterem-se financeiramente e se integrarem na sociedade, fato esse que contribui para diminuir sua auto-estima e sentimentos de segurança e bem-estar.

Como aluna do Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná, pretendo desenvolver estudos que me auxiliem a interagir com pacientes que necessitam de amputação de um de seus membros. Conhecer os significados do corpo e refletir sobre as consequências que uma amputação traz à imagem corporal e à vida social do ser humano, vem ao encontro ‘as minhas inquietudes relacionadas a necessidade de ser-estar completamente no mundo, com autonomia, auto estima, bem estar e qualidade de vida.

Este trabalho é um ensaio para minha Dissertação do Mestrado e meu objetivo, neste artigo, é refletir sobre as diversas concepções de corpo e seus significados e relacioná-los com alguns dados da literatura que demonstram os efeitos que a amputação de membros pode causar.

2 OS SIGNIFICADOS DO CORPO

O corpo tem sido um tema recorrente na história e vem sendo estudado desde o séc. V a.C., por Platão na Grécia. Para ele existia a dicotomia corpo-consciência, ou seja, corpo e alma, sendo o corpo realidade visível e a alma, invisível. A função do corpo é perceber os objetos pelos sentidos. A alma é pura, eterna, imutável, porém, ao se servir do corpo, ela se degrada, abala-se, tornando-se prisioneira dele (PLATÃO, 1999).

Conforme ARANHA e MARTINS (2002), Platão demonstra que na juventude predomina a admiração pela beleza física, mas com o amadurecimento, descobre que a beleza da alma é mais preciosa que a do corpo. Também valoriza a ginástica, argumentando que a educação física dá ao corpo saúde perfeita, permitindo que a alma se desprenda do mundo corpóreo e dos sentidos e se concentre na contemplação das idéias.

Para ROMERO apud POLAK (1996), na Idade Média, época em a Igreja era detentora do poder político e econômico, houve pouca valorização do corpo. Este período

foi conhecido como período das Trevas, onde o corpo era visto como algo desprezível e vil, devido as influências dos dogmas religiosos. É registrado por POLAK (1996, p.38), que “o corpo, no âmbito religioso, ocupa lugar de subordinação, sendo alvo de punição, de regulação. Essa subordinação do corpo ao espírito o inferioriza, pois passa a ser visto como a prisão da alma e o responsável pelas faltas cometidas.”

Acreditando que o corpo era sinal de pecado e degradação, desenvolviam práticas de purificação, por meio de atividades espirituais para controle dos desejos como jejum, abstinência e flagelação. Apesar do corpo ser considerado inferior, era criação divina e por isso, sagrado, havendo uma proibição expressa do estudo de um cadáver em sua intimidade. A concepção de corpo transforma-se no Renascimento e Idade Moderna, passando o mesmo a ser objeto de dissecação pela medicina e ciência, sendo considerado não mais que um corpo (ARANHA; MARTINS, 2002).

As autoras acima citadas, comentam que nos séc. XVI e XVII, a filosofia cartesiana mostra uma nova abordagem a respeito do corpo, afirmando que Descartes começa duvidando da realidade do mundo e do corpo, até chegar à primeira verdade indubitável: o cogito, o pensamento. Ao recuperar a realidade do mundo e do corpo, encontra um corpo que é pura exterioridade, uma substância extensa, material. Faz emergir o sujeito, constituído de duas substâncias, uma pensante, de natureza espiritual, que é o pensamento; e a outra de natureza material, que é o corpo. Assim surge o dualismo psicofísico, determinando uma nova visão do corpo, sendo ele corpo-objeto, associado à idéia mecanicista do homem-máquina, com predomínio da razão.

No entender de LIBERMAN (1997, p. 377), que reitera o acima explicitado, “o corpo, muito freqüentemente, é visto e vivido como máquina, suas atividades se restringem a algumas ações, deixando de lado possibilidades criativas e inventivas, que produziriam uma subjetividade mais rica e potencializadora da vida.”

Muitas vezes, somos avaliados pelo que produzimos, ou por não observarmos os limites determinados somos condicionados a submeter nosso corpo a mais do que ele suportaria. Por outro lado, o prazer acarretado pela sensação de capacidade e domínio que temos em relação ao nosso próprio corpo, aumenta nossa auto-estima.

Em seus estudos, FOUCAULT (2002), coloca que na Idade Contemporânea, as práticas punitivas se tornaram pudicas, fazendo com que o contato com o corpo fosse o mínimo possível, afirmando que [...] “desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo” (p. 12). Para ele, este corpo é colocado num sistema de coação, privação e proibições e qualquer

intervenção sobre o mesmo, seja pela reclusão ou por trabalhos forçados, tem como objetivo privar o indivíduo de sua liberdade.

Conforme VILLAÇA (1997), na era industrial, o corpo era manipulado enquanto instrumento da produção, lugar de disciplina e controle. Na sociedade pós-industrial, caracterizada pela difusão do saber, da informação e da tecnologia, este controle é repensado, se percebe uma leitura do corpo como construção narcísica-hedonista, disciplinado pelas regras da estetização geral da sociedade pós-industrial.

Segundo SANT'ANNA (1996), quanto mais nos aproximamos do final do séc. XIX mais o ideal de um corpo funcional tende a se associar à necessidade de ser rentável e produtivo. Homens e mulheres de todas as classes sociais são convocados a reduzir suas perdas físicas e aumentar, sem cessar, sua produção. No início do séc. XX, com Taylor, a expectativa era tornar o corpo uma máquina funcional e rentável, um mecanismo para produzir, transmitir e transformar um movimento.

Concomitante a esse momento, a fenomenologia tenta superar a dicotomia corpo-espírito, consciência-objeto e homem-mundo, descobrindo nesses, relações de reciprocidade. O corpo nesta perspectiva não se identifica às coisas, mas é enriquecido pela noção de que o homem é um ser-no-mundo; não é coisa nem obstáculo e sim parte integrante da totalidade do ser humano. O corpo é o primeiro momento da experiência humana, antes de ser um "ser que conhece", é um "ser que vive e sente" (ARANHA; MARTINS, 2002, p.315).

Merleau-Ponty rompe com o cartesianismo, vendo o homem na sua integralidade, nem corpo nem espírito, nem sujeito nem objeto, mas como sendo corpo e espírito, sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, natureza e cultura (POLAK, 1996). Em sua obra "Fenomenologia da Percepção" MERLEAU-PONTY (1945), escreve que o corpo é um espaço expressivo, é o próprio movimento de expressão. É o nosso meio de ter no mundo. O corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é para uma pessoa viva, juntar-se ao definido e confundir-se com alguns projetos, engajando-se neles.

Neste contexto, minha percepção sobre corpo e mente é de que ambos estão interligados, um completando o outro, não podendo ser separados enquanto existência, sendo uma forma de expressão no mundo. Qualquer alteração que exista na auto-imagem de um ser humano, refletirá nos sentimentos que ele nutre por si mesmo.

Segundo RODRIGUES (1979), a experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura, sendo que nossas "necessidades naturais" só nos são acessíveis depois de traduzida por todo conjunto de normas e valores que necessitamos para ver e ter sensibilidade. O corpo carrega

em si a marca da vida social, expressando a preocupação da sociedade em imprimir nele algumas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. É como uma massa de modelagem onde a sociedade imprime formas de acordo com suas próprias disposições, projetando a fisionomia do seu próprio espírito. O corpo significa ao mesmo tempo a Vida e a Morte, o Normal e o Patológico, o Sagrado e o Profano, o Puro e o Impuro.

O corpo é um canal para nossas percepções; é através dele que podemos expressar nossos sentimentos, chorar, tocar, ter prazer, andar, falar, amar, trabalhar, enfim, relacionarmo-nos com o mundo e sermos parte integrante dele.

Perceber o outro, além do que exterioriza seu corpo (carne), observando nele todo seu contexto social, econômico, cultural e emocional, é essencial para uma interação, principalmente para os profissionais da área da saúde, que cuidam de pessoas que, conforme seu processo saúde-doença, poderão sofrer mudanças significativas em seu modo de vida.

A aceitação ou recusa do corpo é uma possibilidade oferecida ao ser humano a partir do distanciamento, obtido pela consciência de seu corpo, originária da relação ontológica do sujeito e seu próprio corpo (VILLAÇA, 1997).

Dessa maneira, ao escrever sobre consciência do corpo, IWANOWICZ (1994), diz que começamos a conhecer o mundo através das sensações corporais, porque este é um contato real com a vida, enfatizando que "é através do corpo que recebemos as informações do que acontece dentro e fora de nós. Essa informática corporal serve como bagagem para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo"(p.68). Para a autora, essa aprendizagem e crescimento acontecem sempre dentro de uma cultura, de uma sociedade organizada, que possui suas regras, leis e proibições. Por isso, ela ressalta a necessidade de descobrir, sentir e conhecer nosso corpo em toda sua força e poder, para, através desse corpo consciente e conhecido, entrar em contato com a realidade e ter uma ligação verdadeira, que nos aproxime de nós mesmos, evitando conflitos internos.

De acordo com KOFES (1994), apesar do corpo ser uma afirmação individual, nele também se escrevem os costumes sociais. Este autor afirma que "a linguagem do corpo é importante porque reformula, explicita, coloca questões que às vezes unicamente a fala é incapaz de expressar" (p. 60). Neste sentido, FERREIRA (1998), refere que o corpo é pensado, representado e passível de leituras diferenciadas conforme o contexto social; é um reflexo da sociedade, não sendo possível conceber processos exclusivamente biológicos, instrumentais ou estéticos no comportamento humano. O corpo é um registro das lutas e dos embates vividos pelo homem, de um lado influenciado

pelas marcas da subjetividade e por outro, constitui-se em campo onde apontam os desejos, onde os acontecimentos se dão, onde a vida se processa, tornando a existência um conflito permanente (LIBERMAN, 1997).

Dessa maneira, para SANT'ANNA (1997), estudar o corpo é, entre tantas possibilidades que o tema nos abre, uma maneira de questionar a permanência de regras antigas como aquelas da funcionalidade e do rendimento, é uma forma de descobrir, com todas as regras, a emergência de liberdades e prazeres que não existiam.

3 CORPO MUTILADO... CORPO DOENTE

A doença, o fracasso, a dor e o sofrimento nos revelam uma outra dimensão do corpo, nos lembram que além de termos um corpo, somos um corpo, que parece recusar-se a ser uma máquina, um barco no qual a consciência seria o piloto (RICHIR apud COELHO JUNIOR, 1997).

A realidade hospitalar nos obriga a conviver rotineiramente com a doença e o sofrimento, e por tudo que já foi referendado a respeito do corpo, entendo não ser possível dicotomizar o corpo de um paciente, de seu espírito, de suas crenças, de seus valores, de seus desejos, de seu eu interior, que é o espelho de sua existência. Este é um grande desafio para a maioria dos profissionais da área da saúde, que em sua formação aprenderam a valorizar a fragmentação do corpo humano.

Desconhecemos as reações emocionais do paciente, inconscientes ou não, causadas pela convivência com sua deficiência. Um corpo que foi privado de sua integridade, dinamismo e autonomia, após o impacto gerado pela perda de um membro, provavelmente entrará em conflito consigo mesmo, acarretando um desequilíbrio interior.

A inacessibilidade aos conteúdos inconscientes e o sofrimento psicológico originário de circunstâncias especiais ligadas à deficiência, conforme AMARAL (1995), é o grande obstáculo para se obter uma aceitação ativa desta condição. Deficiência implica em perda e esta, implica em sofrimento, tanto para a família como para a pessoa; podendo resultar, segundo MANTOVANI (2001), em insatisfação com o corpo modificado, diminuição da auto-estima e em um sentimento de auto-exclusão.

Em se tratando de exclusão à pessoa que tem alterações em seu corpo, AMARAL (1995), buscou na história as raízes deste fato, encontrando trechos da Sagrada Escritura, que podem ser relacionadas à exclusão social dos deficientes. Transcrevo aqui, a passagem a que a autora se refere e faço minha interpretação pessoal a seguir:

“O Senhor disse a Moisés: “Dize a Aarão o seguinte: Homem algum de tua linhagem, por todas as gerações, que tiver um defeito corporal, oferecerá o pão de seu Deus. Desse modo, serão excluídos todos aqueles que tiverem uma deformidade: cegos, coxos, mutilados, pessoas de membros desproporcionados... Homem algum da linhagem de Aarão, o sacerdote, que for deformado, oferecerá sacrifícios consumidos pelo fogo. Sendo vítima de uma deformidade, não poderá apresentar-se para oferecer o pão de seu Deus. Mas poderá comer o pão de seu Deus, proveniente das ofertas santíssimas e das ofertas santas. Não se aproximará, porém, do véu nem do altar, porque é deformado. Não profanará meus santuários, porque eu sou o Senhor que os santifico. Tais foram às palavras de Moisés a Aarão e a seus filhos, bem como a todos os israelitas”. (Levítico,21:16-23)

Por estes registros, entende-se que ao homem defeituoso ou deficiente é dado direito de sobrevivência: porém, pelo fato de ser deficiente não tem todos os direitos na sociedade, uma vez que sua existência é profana. Ao mesmo tempo, ele fica livre de suas obrigações, sendo pouparado por causa de suas limitações; nesse sentido compreendo que desde as nossas mais antigas raízes, existiram fatores que contribuíram para a visão que ainda hoje temos em relação às pessoas deficientes.

Caminhando um pouco mais pela história, AMARAL (1995), comenta que os deficientes eram mortos ou abandonados à “sua sorte” no universo greco-romano, sendo condenados de acordo com os códigos das civilizações da época. Impressionou-me a leitura de parte dos registros de Platão, citados pela autora:

“...cuidarão apenas dos cidadãos bem formados de corpo e alma, deixando morrer os que sejam corporalmente defeituosos [...] é o melhor tanto para esses desgraçados como para a cidade em que vivem”. (PLATÃO, 1972:716)

Ao refletir sobre estas considerações percebo como é grande o fardo carregado pelas pessoas deficientes, dependentes de alguma forma, da aceitação da sociedade, uma vez que culturalmente, através dos séculos, sentimentos negativos e de repulsa em relação à deficiência vem sendo inseridos em nosso contexto. A amputação transforma o corpo “inteiro”, em corpo deficiente, modificando o “outdoor” que o apresenta para o mundo e reflete a doença.

Em seus escritos, MERLEAU-PONTY (1945), questiona de que maneira coordenar uma série de fatos e aprender através deles a função que existe no normal e falta no doente. Refere não ser simples, como transferir do normal o que falta ao doente. A doença é uma forma de existência

completa e os processos que emprega na substituição das funções normais destruídas, são também fenômenos patológicos, não se podendo deduzir o normal do patológico, as deficiências das substituições, por uma simples mudança de sinal. MERLEAU-PONTY apud SANTANA (2000, p.95-96), refere que “a recusa do ser humano em aceitar a mutilação e a deficiência, justifica-se por ser um “eu” engajado num certo mundo físico e inter-humano, que continua a se estender em direção a seu mundo, apesar das deficiências ou das amputações, e que nesta medida, não os reconhece”. A recusa da deficiência é a negação implícita do que se opõe ao movimento natural que nos abandona a nossas tarefas, preocupações, situação e horizontes familiares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais busco entender os significados expressos pelo corpo, na ânsia de conhecer sua verdadeira identidade, mais comprehendo como ele é complexo, singular e ao mesmo tempo completo, não sendo possível limitá-lo a uma patologia, órgão ou cirurgia.

Conforme GUEDES (1995),

“o corpo é, e o é por ter no presente a sua integralidade, concretizando a existência, carregando história e símbolos que o fazem existir neste momento e reagir ao que o meio lhe propõe, sempre na intenção de satisfazer suas necessidades e seus desejos, sendo esta intencionalidade que unifica as estruturas, tornando-o um ser uno e indivisível” (p.41).

Este corpo que está diante de mim ou da sociedade onde se insere, precisando sentir-se amado, respeitado, seguro, capacitado, não pode ser visto apenas como um corpo mutilado, e sim, como parte do mundo em que vive; alguém que poderá reabilitar-se ou adaptar-se às novas condições de vida, com a dignidade que merece este corpo, através das muitas atribuições que lhe foram concebidas.

A pessoa amputada geralmente é vista como incapacitada e dependente. A mutilação de seu corpo pode acarretar alterações significativas em sua vida, como a diminuição de sua autonomia, de sua auto-estima e, consequentemente, o modo como se relaciona com o mundo a sua volta.

É essencial que o enfermeiro esteja atento a estes valores e, juntamente com seus familiares, encontrem maneiras de minimizar seu sofrimento, auxiliando e ensinando-o a desenvolver atividades sozinho, contribuindo para o aumento da auto-estima, mostrando-lhe que sua vida tem significado. Para isso, o profissional precisa interpretar o mundo do paciente que está sendo cuidado, por meio de

suas relações interpessoais e da experiência adquirida na prática cotidiana.

Deixo aqui, uma reflexão sobre o corpo cuidado pela enfermagem:

“O corpo é o sujeito de nossa prática, portanto quando atuamos sobre o mesmo devemos percebê-lo como um instrumento de formação e de modificação do mundo. O ser humano possui um poder de ação planejada, uma intencionalidade expressa em seus atos, que reflete seus desejos, anseios e, sobretudo, suas necessidades. Conhecer e transformar o nosso instrumento é conhecer e transformar o mundo. O corpo potencializa a materialização de nossos quereres, expressando até involuntariamente a necessidade da concretização de projetos. A presença corporal confirma o ser, o estar e o fazer do ser humano no mundo. [...]”. (BRÉTAS, 2002, p.5)

ABSTRACT: This paper objectified a theoretical reflection over the meanings of the body, relating them, through the literature, to the probable effects of limb amputation on the human being. Thus, records on the meanings of the body through history were reviewed, approaching a phenomenological view. The importance of the body in an individual's life was considered as it has been his/her way to set a relationship with the word. Besides, the meaning of being disabled in our context was also approached.

KEY WORDS: Human body; Amputation; Philosophy, Nursing.

REFERÊNCIAS

- 1 AMARAL, L.A. **Conhecendo a deficiência:** em companhia de Hércules. São Paulo: Robe, 1995.
- 2 ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. O corpo. In: _____. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- 3 BRÉTAS, J.R. da S. Reflexões sobre o corpo que cuidamos. **Acta Paul. Enf.** São Paulo, v.15, n.4, p.5, out./dez., 2002.
- 4 BUZATO, M.A.S. et al. Amputados de membros inferiores: a condição dos pacientes dois anos depois. **An. Paul. Med. Cir.**, v.128, n.4, p.111-119, 2001.
- 5 CAVALCANTI, M.C.T. Adaptação psicossocial à amputação de membros. **Jornal Brasileiro Psiquiatria**, v.43, n.2, p.71-74, fev. 1994.
- 6 COELHO J. N. Corpo construído, corpo desejante e corpo vivido. **Cad. Subjetividade**, São Paulo, v.5, n.2, p. 401-411, dez. 1997
- 7 COSTA, G.P. Relação cirurgião-paciente que necessita ser mutilado. **Rev. AMRIGS**, Porto Alegre, v. 29, n.1, p. 38-42, jan./mar. 1985.
- 8 DIOGO, M.J.D. Sentimentos relacionais com a auto-imagem do idoso submetidos à amputação de membros. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v.27, n.2, p.296-308, ago. 1993.
- 9 FERREIRA, J. O corpo sínico. In: ALVES, P.C; MINAYO, M.C.S. **Saúde e doença:** um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

- 10 FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- 11 GUEDES, C.M. O corpo desvelado. In: MOREIRA, W.W. **O corpo pressente**. Campinas: Papirus, 1995. p. 37 – 52.
- 12 IWANOWICZ, B. A imagem e a consciência do corpo. In: BRUHNS, H.T. et al. **Conversando sobre o corpo**. 5.ed. São Paulo: Papirus, 1994. p. 63 – 82.
- 13 KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, H.T. et al. **Conversando sobre o corpo**. 5.ed. São Paulo: Papirus, 1994. p.45 – 60.
- 14 LIBERMAN, F. O corpo como produção de subjetividade. **Cad. Subjetividade**, São Paulo, v.5, n.2, p. 371-383, dez. 1997.
- 15 MANTOVANI, M. F. **Sobrevivendo**: o significado do adoecimento e o sentido da vida pós-ostomia. São Paulo, 2001.Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo.
- 16 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1945.
- 17 PLATÃO. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- 18 POLAK, Y.N.S. **A corporeidade como resgate do humano na enfermagem**. Florianópolis, 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- 19 RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- 20 SANTANA, M. G. Áreas de silêncio e corpo diabético. **R. Bras. Enferm**, Brasília, v. 53, p. 95-98, jan./mar. 2000.
- 21 SANT'ANNA, D.B. Corpo e história. **Cad. Subjetividade**, São Paulo, v.3, n.2, 275-284, dez. 1997
- 22 VILLAÇA, N. Paradoxais metáforas identitárias: o corpo em mutação. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.5, n.2, p. 343-351, dez. 1997.

Endereço do autor:
Rua Schiller, 57 – ap. 301
80050-260 - Curitiba - PR